

C P Foi Da

Índios Pataxós só pedem um pedaço de terra

Cinco índios da tribo Pataxó estiveram em Belo Horizonte.

Eles vieram participar de um seminário no Colégio Anchieta e puderam conversar com os alunos, falar que sofreram e continuam sofrendo somente porque precisam assegurar seus direitos e, sobretudo, mostrar aos brancos que são gente. Contaram suas dificuldades e lembraram que, como seus antepassados fizeram com Cabral, em 1500, estão de braços abertos. Mais que isso, recordaram a costumeira conversa dos civilizados — "você são donos do Brasil" — para alertar em que seu único objetivo é o de sobreviver... em paz.

Devido à passagem de aniversário do Padre Anchieta — dia 9 último —, o Colégio que tem seu nome resolveu programar atividades mais concretas para não deixar a data passar despercebida. E os esforços culminaram com a possibilidade de se trazerem a Belo Horizonte alguns dos índios pataxós, que vivem na região de Barra Velha, 70 quilômetros ao sul de Porto Seguro, na Bahia. Eles participaram de um seminário, às 15 horas de sábado, depois de uma coletiva, quando fizeram um relato das condições em que vivem na reserva de Monte Pascoal, o local do descobrimento do Brasil.

O cacique Tururim, o subcacique Ita (ou Alfredo), Zebedeu (secretário da Organização Nacional Indígena e Liderança Jovem do Índio Brasileiro), Salvinho e o pequeno Ituijá, de 10 anos de idade, deixaram clara sua intenção de familiarizar-se com os brancos — ao contrário das propostas de preservação que muitos fazem — na primeira resposta: "A maioria de nós já fala português; e os que não sabem têm vergonha". Outra pergunta, inevitável, versou sobre a opinião dos pataxós sobre o cacique xavante Mário Juruna, agora deputado federal. Alfredo respondeu:

— Irmão não pode falar de irmão, só dar apoio. Parece que está representando a gente bem.

A comunidade Pataxó tem, hoje, 1.800 pessoas e uma preocupação: há quatro anos, quatro deles foram chamados a Brasília e informados de que teriam duas opções, "ou vão viver eternamente em muita terra sem segurança ou numa parte, com garantia". Queriam criar a Reserva de Monte Pas-



Representantes dos índios Pataxós

coal, exatamente porque ali estava a última reserva da mata Atlântica, com árvores milenares (que só sobreviveram porque havia uma informação de que os pataxós eram canibais). Assim, depois de 20 anos de

luta pela demarcação das terras, os índios daquela tribo ficaram com 8.700 hectares. Agora, a reclamação de Zebedeu:

— Nossa tristeza é que vivemos de caçar e pescar. Está ficando difícil, principalmente, pescar. A terra que nos deram é podre, alagada, num dá nem abacaxi.

E Alfredo completa com um depoimento dramático, assinalando que "toda pessoa tem sua casa, lembra dos pais e avós; assim nós somos, aquela terra é como se fosse uma herança, a gente queria guardar.

E há outros irmãos índios sofrendo mais ainda, alguns sem terra, sem ter onde ficar". Não bastasse a frustração de ver que ficaram com a pior parte da terra, os pataxós também se queixam do fato de os turistas, "após caçar", colocarem fogo na reserva do IBDF — Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal —, com a culpa recaíndo sempre sobre os índios, já que os guardas florestais não vêem, "querem mesmo é andar de carro".

Alfredo, Zebedeu e os outros querem também pedir outras coisas. Por exemplo, estrada e um carro. Hoje, eles usam dois barcos, do Posto da Funai — Fundação Nacional do Índio —, mas têm de pedir ca-

rona com antecedência. "Então, conta Alfredo, se nós vamos a Porto Seguro levar cinco sacos de farinha, que vendemos por 10 mil, temos de pagar a viagem no barco, lugar de dormir e comida. Sobra a metade para fazermos as comprinhas e levar pra casa". Numa vida onde o máximo que se consegue é continuar vivendo, Alfredo quer que se faça uma fiscalização dentro da Funai e que os pataxós, com as demais tribos, tenham condições de progredir, "como os brancos":

— Temos pelo menos 12 rapazes com a 4.ª série do primário completa, querendo estudar mais e não há jeito. Nossa gente está aumentando, as mulheres têm uma média de 12 a 18 filhos e queremos progredir.

O chefe do Posto Indígena Pataxó, Moacir Cordeiro de Melo, não só colaborou para que os índios viessem, mas também enviou uma mensagem.

Nela, ele manifesta a satisfação por sentir que existem alunos interessados em conhecer mais de perto o índio, pois, "muito do que vocês conhecem, é coisa de filme de bang-bang, que não é a realidade do nosso índio". O professor Newton Paiva Ferreira, diretor do Colégio, disse que a visita é o primeiro passo da "Operação Anchieta", que objetiva a busca de um entrosamento capaz de ajudar os pataxós, "sem paternalismo", mas com um trabalho sério, que incluirá uma expedição ao Monte Pascoal, com os alunos de 2.º grau que mais se destacarem.

Diário da Tarde

27/06/83